



## **Olhares para crianças refugiadas: uma análise comparativa de fotografias veiculadas para o público infantil**

Por Flavia Cristina Biazetto<sup>1</sup> (São Paulo, Brasil)

### **Resumo:**

O objetivo deste estudo é promover reflexões sobre a representação das crianças refugiadas na mídia segmentada para crianças e jovens. Para isso, propomos um recorte no qual o enfoque fosse as fotos que estamparam as capas de dois jornais para crianças e jovens que circulavam pelo Brasil, a saber O Joca e Folhinha. A focalização em fotografias se justifica, pois se trata de uma linguagem acessível a qualquer criança, até mesmo aquelas em fase pré-alfabetização. Ademais, as imagens fotográficas são veiculadores de representações, as quais integram o imaginário contemporâneo. A proposta é compreender quais recursos plásticos foram utilizados para divulgação da imagem de uma criança refugiada e como o produto final pode ser interpretado pelos leitores das mídias selecionadas.

### **Palavras- chaves: Refugiados- Jornalismo para crianças e jovens- Fotografia**

#### **1. Considerações sobre as bases teóricas**

A reflexão proposta por este trabalho provém das perguntas: 1. Qual o imaginário de refugiados está presente nas fotografias veiculadas em jornais impressos voltados para crianças e jovens? 2. Quais os recursos plásticos utilizados para construção de tal imaginário? As considerações levantadas para responder os questionamentos iniciais ponderam o caráter multimodal das produções jornalísticas contemporâneas, ou seja, em sua composição é inerente a presença de diferentes linguagens. Sem ignorar isso, foi proposto um recorte de focalizar no texto visual, ou seja, uma leitura descolada da convivência entre a escrita e a imagem em impressos, com o

---

<sup>1</sup> Flávia Biazetto é doutora em Estudos Comparados em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da Universidade Sagrado Coração de Jesus ( unisagrado /Bauru-Sp)



intuito de analisar as representações sociais que possivelmente atingem um número maior de jovens leitores, em diferentes fases da alfabetização.

Vale enfatizar que a abordagem de representação foi feita pela perspectiva de Moscovici, o qual afirma: “a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não-familiar, ou a própria não-familiaridade” (Moscovici, 2007, p.54). Segundo essa ideia, as representações sociais seriam um instrumento para que o indivíduo possa, diante das limitações de suas experiências e de seus conhecimentos, compreender aquilo que é ilimitado e que não lhe é conhecido. Em outras palavras, seria um instrumento mediador da esfera individual e a social. Neste campo de interações entre tais esferas, os imaginários são construídos. Deve-se enfatizar o papel das mídias nesse processo, uma vez que, ao noticiar um fato, há a seleção de aspectos da realidade, reduzindo-a a uma possível representação que, muitas vezes, tende a se sobrepor e ofuscar a complexidade do que foi representado.

Ademais do conceito de representação, é válido esclarecer outros que nortearam a pesquisa: o de refugiado e o de infância. Sobre o primeiro, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR), refugiado é aquela pessoa que “temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país”. (ACNUR. s.d.)

Mais adiante do texto publicado no site das Nações Unidas, há uma diferenciação entre refugiados e migrantes econômicos: Migrantes, especialmente migrantes econômicos, decidem deslocar-se para melhorar as perspectivas para si mesmos e para suas famílias. Já os refugiados necessitam deslocar-se para salvar suas vidas ou preservar sua liberdade. Eles não possuem proteção de seu próprio Estado e de fato muitas vezes é seu próprio governo que ameaça persegui-los. Se outros países não os aceitarem em seus territórios, e não os auxiliarem uma vez acolhidos, poderão estar condenando essas pessoas à morte ou à uma vida insuportável nas sombras, sem sustento e sem direitos. (ACNUR, s.d)

Seguindo a proposta para este estudo, em revista ao conceito de infância, nota-se que as fases do desenvolvimento humano, suas particularidades e seus desafios são discussões sociológicas recentes que permitem um novo olhar para infância e seu papel nas construções das identidades



dos individuos. As atuais reflexões sobre a infância possibilitam compreender as crianças como atores sociais, diferentemente das pesquisas iconográficas europeias de Ariés (1978) que revelam que até a revolução burguesa, as crianças eram vistas como adultos em miniaturas.

O conceito de “culturas da infância” (Corsaro, 1997) possibilita o reconhecimento de que a percepção e atuação das crianças são distintas das adotadas pelos adultos. Tais estudos da Sociologia da Infância demonstram que formas e conteúdos da infância estão em uma relação de interdependência com outras manifestações culturais existentes na sociedade, mas prevalecendo uma coerência dos modos de agir e interpretar próprios da infância. Dentro desta perspectiva, as culturas da infância são marcadas pelos processos históricos e pelas relações que constituem as sociedades em que estão inseridas, em um movimento ritimico de confluência e de afastamento das culturas do universo adulto.

No dialogismo das culturas produzidas pelos adultos para as crianças e destas para seus pares se configuram as culturas das infâncias. Segundo Sarmiento (2002), as produções culturais criadas pelos adultos para as crianças tendem a ter uma finalidade de consumo – brinquedos, literatura, site. Já as produzidas entre crianças tendem a transmitir oralmente brincadeiras e histórias. Assim, as culturas da infância se dão em âmbitos inter e intrageracionais.

Para ilustrar o olhar infantil, Benjamin (1984) analisou a relação das crianças com brinquedos e com brincadeiras, mostrando que a criança não tem interesse em recriar o mundo do adulto e sim em criar um novo dentro daquele que lhe é apresentado. A atração infantil por resíduos e sucatas mostra, parcialmente, a atuação da imaginação para recriar realidades. O ato de brincar promove uma libertação da criança diante do mundo que lhe é apresentado. Assim, a realidade retratada com o intuito de informar pelos media, tem um significado muito distinto daquele do universo adulto. Tal particularidade cabe ser investigada com seriedade e de maneira interdisciplinar, colocando o protagonismo infantil como prioridade, de acordo com a perspectiva das teorias da Sociologia da Infância e da sociedade letrada.

Doretto (2014), propõe um olhar para o jornalismo infantil e juvenil que se relaciona ao conceito de culturas de infância. Para esta pesquisadora, para além da delimitação do público leitor pelo critério da idade, deve-se compreender tais publicações como possibilidade de trocas



intergeracionais (jornalista-criança e criança-jornalista) e intrageracional (criança como fonte – criança como leitor), propiciando a criação de representações e identidades sobre a infância.

Para desenvolver a análise que aqui foi proposta, foram selecionadas imagens que circularam no suplemento *Folhinha* e no jornal Impresso *O Joca*. Sobre o primeiro, pode-se sintetizar alguns marcos de sua história: trata-se do primeiro suplemento infantil, nascido em 1963 e que circulou na forma impressa até abril de 2016. Com uma longa trajetória e uma história consolidada, ao longo das décadas suas diretrizes editoriais foram se modificando de acordo com os processos históricos, as tendências do jornalismo e de uma visão histórica sobre as infâncias. Podemos destacar um período entre os 70 e 80 em que o suplemento adota uma linha editorial ligada à educação, iniciada pelo projeto “Folhinha na escola” e também à literatura com a colaboração de escritores renomados. Nas décadas posteriores, seus editores alinham a produção com as tendências e práticas majoritariamente do jornalismo, reconfigurando a linha editorial do suplemento infantil. Já o segundo, *O Joca*, é uma publicação brasileira da Editora Magia de Ler, cuja veiculação se dá por meio de um portal e um jornal impresso. Seus laços com a educação são indicados explicitamente tanto por sua periodicidade quinzenal interrompida nas férias escolares, como também pela apresentação de sua linha editorial, a qual destaca o discurso jornalístico dirigido para jovens de 7 a 12 anos em “uma linguagem apropriada para faixa etária sem ser infantilizada. A aproximação com o universo dos *alunos* (grifo nosso) se dá pela fórmula editorial mais didática, com vocabulário adequado às idades e o uso de muitos recursos de imagens, gráficos e fotos para facilitar o entendimento”. Em outras palavras, sua finalidade didática é explicitada a qual utiliza a narrativa jornalística como um instrumento para o desenvolvimento das capacidades leitoras das crianças.

Nesta breve apresentação do *corpus*, nota-se as interfaces entre o jornalismo para crianças e jovens e a Educação, em especial como um instrumento de formação de leitor. Em revista à bibliografia referente ao jornalismo para tal público, Doretto (2014) confirma essa constatação, ao mostrar que no estado da arte do jornalismo infantil, a crítica indica que ora as publicações se associam ao discurso didático, ora ao entretenimento ou ainda ao consumo.

Noat-se que se dentro da segmentação do jornalismo para crianças e jovens há inegavelmente a presença de outros discursos para além do jornalístico, isso permite certas clivagens que devem



ser olhadas atentamente, pois na coexistência de discursos há uma tendência de sobressair um em detrimento do outro.

Isso posto, deve-se ainda expor o papel da fotografia no *corpus* selecionado. Tomando a obra *Câmara clara*, de Barthes (1984), como uma das bases de reflexão, o pensador explicita que a fotografia é mais que uma imagem ou um signo a ser interpretado, pois ela emana partículas do real. Assim ela é uma “ metonímia alucinante”, um pedaço do outro e de outros tempos que confundem “presente”, “presença”, “real” e “vivo”.

Cabe aqui refletir que ao disparar o botão, com uma intencionalidade, o fotógrafo faz uma ruptura com o tempo, não só recortando e congelando um momento, mas, como analisou Barthes, possibilitando reproduzir ao infinito aquilo que só ocorreu uma vez e quiça por frações de segundo. Para o desenvolvimento deste trabalho, os registros fotográficos sejam os profissionais ou os amadores foram considerados expressões artísticas, na medida em que conciliam a intencionalidade e a descoberta sob a tutela de uma realização concreta.

Na fotografia, como objeto, choca e deforma até quatro imaginários, que contrapõe a intencionalidade do artista, seu espectador e o ser representado. Em outras palavras: 1. Há o imaginário em que o ser fotografado pensa que é; 2. Há aquele que o ser fotografado gostaria que os espectadores acreditasse que ele fosse, 3. Há aquele que o fotógrafo acha que é e 4. Há aquele que serve para o fotógrafo exibir sua arte. Na intersecção desses imaginários, a fotografia se apresenta como uma realização da arte, com maior ou menor valor artístico.

## **2. Face a face com a situação de crianças refugiadas**

Após a breve exposição sobre o aporte teórico que embasou esta pesquisa, faz-se necessário visualizar e compreender os recursos plásticos que compõem o *corpus* selecionado.





Capa da Folhinha em 2014



Fonte: <https://ojornalzinho.files.wordpress.com/2014/02/capa1.jpg>

Trata-se de uma imagem alterada pela computação gráfica, dado expresso na legenda da foto e que indica tendências da arte fotográfica contemporânea. Isso implica em uma revisão da noção de autoria que passa a afrouxar a ligação com uma só pessoa e estreitá-la a equipes especializadas e a interesses institucionais.

Quanto à forma, há uma boa luminosidade nos planos, sendo mais intensa ao fundo. Predomina o preto e branco, exceto no que se refere à menina ao centro que está em cores como se ganhasse vida. As crianças são apresentadas, majoritariamente, de maneira fragmentada, ou



seja, há olhos, mãos, braços, bocas, rostos cuja imagem é quebrada por outros membros do corpo, assim ressaltando a desamornia da composição. Isso denota a situação de destruição e destroço, típicas da representação das grandes tragédias humanas, contrapondo-se ao elemento da água, presente nas garrafas exibidas, que simbolicamente representa a vida.

Vale pensar ainda no jogo de cores *versus* o preto e branco, mencionado anteriormente. Ao destacar uma única criança menos fragmentada e no plano central por meio das cores, a equipe possibilita, por meio do destaque, a interpretação de que somente ela tem algo a contar. Enquanto as outras se perdem na composição e, simbolicamente, nas massas.

Quais os indícios de que há culturas de infância? Por um lado, o gesto com braços, que segundo a legenda é de vitória, indica um protagonismo, quase lúdico, remetendo possivelmente à conquista da fuga. Por outro, as feições e olhares direcionados à câmera dão indícios de pose e, portanto, segundo Barthes, de artificialidade, na qual ganha espaço a imagem que as crianças querem passar de si ou aquela que elas têm de si próprias. Em outras palavras é a “voz” expressa pelo gesto e a brincadeira que prevalecem na mensagem. As feições e olhares são rastros e pistas da presença das culturas da infância, na medida em que elas tentam comunicar algo e destacar o papel das crianças na narrativa sobre o refúgio, nem que seja uma atuação imaginária e próxima das maneiras de brincar, como aponta Walter Benjamin (1984).

Em suma, a composição da imagem possibilita a leitura da condição dos refugiados como um aglomerado humano segmentado, ou seja, grupos de pessoas que podem ter pouca ligação entre si, unindo-se na situação de fuga e, assim, carregando e, também, compartilhando uma parte de suas histórias. Esse texto visual permite a interpretação de que as crianças podem recriar o universo e as culturas da infância dentro das possibilidades do momento, cujas balizas apontam para um passado deixado para trás e um presente a ser conquistado.



Capa do Joca (2017)

**Datas importantes**

**12 de março:** Dia do Bibliotecário, criado em 1980, no nascimento do escritor e poeta Manuel Bastos Tigre (1882-1957). Conhecido por amar os livros, Tigre ficou em primeiro lugar no primeiro concurso brasileiro para o cargo de bibliotecário e trabalhou durante 20 anos na Biblioteca Central da Universidade do Brasil.

**15 de março:** Dia da Escola, criado para valorizar essa instituição tão importante, onde aprendemos e treinamos para a vida adulta. No colégio também conhecemos amigos e nos divertimos. Escola, em grego, significa "descanso, lazer, tempo livre".

**Coleção Guerra na Síria**

**GUERRA NA SÍRIA**

5 milhões de sírios  
18 milhões de sírios  
312 mil

Magia de ler  
TV Joca  
YouTube.com/hvjoca

**Nº90** 1ª quinzena de março de 2017  
6/3/2017 a 20/3/2017

**joca**  
O único jornal para jovens e crianças

**Nasa descobre sete novos planetas**  
pág. 8

**Jogos Parapan-Americanos de Jovens no Brasil**  
pág. 10

**6 BILHÕES**  
de celulares estão espalhados entre os 7 bilhões de habitantes da Terra. Todos os dias, a população mundial tira mais de **1.000.000** de selfies. A cada dois minutos, os seres humanos tiram mais fotos com o celular do que todas que já existiam há 150 anos.  
Fonte: Brasil 247

**CRIANÇAS SÍRIAS QUEREM PAZ**  
8,6 MILHÕES DE JOVENS SOFREM COM A GUERRA  
Especial Síria, 6 anos de guerra  
pág. 11

Participe do Joca: Mande sugestões para: [joca@magiadeler.com.br](mailto:joca@magiadeler.com.br) e confira nosso portal: [www.jornaljoca.com.br](http://www.jornaljoca.com.br)

Fonte: <https://jornaljoca.com.br/portal>.





Sua composição é baseada em contrastes: luz *versus* sombra; plano de fundo desfocado *versus* o primeiro plano focado e figuras geométricas dos barracões *versus* a forma humana do menino. Há um caminho de luz trilhado, aparentemente, por um adulto e uma criança parada encarando a câmera. Em seu rosto, há um feixe de luz que remete diretamente às imagens religiosas e ao divino.

A foto não traz uma legenda que contextualize os leitores de quem é a criança e onde a imagem foi capturada. Há uma frase estampada em dois idiomas nos braços do garoto “Eu amo meus amigos”. A mensagem contrasta com a falta de outras crianças na imagem e sua transmissão em duas línguas denota a ideia de um refugiado entre duas culturas.

A pose do menino de braços cruzados, com um olhar penetrante, feições serenas leva a uma interpretação de paralisado, mesmo que momentaneamente, o que se contrapõe com a mensagem em seus braços que ilumina o universo da subjetividade da infância. Tal contraste conflui para composição das formas da fotografia, construída a partir de elementos opostos.

Nesta segunda imagem, é interessante que as culturas da infância estão presentes por sua ausência, seguindo uma lógica similar a do antimonumento<sup>2</sup>. Ou seja, por não haver elementos significativos pertencentes à culturas da infância, nota-se, como espectadores dessa arte tal falta e aciona-se os repertórios e imaginários sobre o tema, sobretudo, das vítimas das violências históricas. Cabe ponderar que esta interpretação dialoga com repertórios adultos, portanto, pode-se inferir a construção de um texto visual, no qual o imaginário do adulto sobressaiu aos outros que estão envolvidos em uma fotografia, conforme aponta os estudos de Barthes.

As imagens selecionadas denotam interpretações que confluem na medida em que remetem a noção de um ruptura entre passado e presente dos refugiados, mas se distanciam no que tange o elemento destacado da cultura das infâncias. Ou seja, na primeira análise há o predomínio da ação e na segunda o da subjetividade. Tratam-se de esferas que, com certeza, convivem na situação de refúgio, mas que foram elegidas por uma equipe editorial para estabelecer diálogo e representar o refúgio aos leitores. Isso está na essência da veiculação de representações por quaisquer veículos culturais, ou seja, um recorte da realidade é selecionado e é apresentado

---

<sup>2</sup> Uma forma de lidar com a violência do nazismo e das ditaduras latino americanas. O lugar heroico do monumento ganha ares de lembrança, sobretudo, daqueles que foram violentados.



como se fosse a realidade, esvaziando a complexidade dos fatos para aqueles que entram em contato com os fatos pela primeira vez.

As imagens aqui analisadas tentam estabelecer diálogos intergeracionais no que se refere à arte da fotografia. Ou seja, um adulto – ou melhor uma equipe - observa a realidade e a recorta para seu público. As crianças estão presentes no início, como ser fotografado, e no fim como consumidoras do processo. Assim, suas realidades são recriadas por balizas estéticas do universo adulto, o que revela os imaginários, mencionados por Barthes, de quem fotografa e daquele que serve para exibir a arte da fotografia.

As fotografias aqui analisadas ainda tentam sutilmente mostrar uma comunicação intrageracional. Segundo Barthes, os imaginários do ser fotografado também compõe uma fotografia, eles aparecem na coexistência do que se pensa que é e o que gostaria que fosse. Há um jogo de faz de conta, típicos da infância, no qual as crianças retratadas estão atuando como seus personagens e, portanto, apresentando ao artista aqueles que elas desejam ser perpetuados pelas lentes do fotógrafo.

Ao pensar pela chave proposta por Barthes, pela qual o ser fotografado é uma espécie de co-autor da obra, pois seus imaginários coexistem com os do fotógrafo, é possível ver que, pelas frestas da seriedade dos temas contemporâneos, as culturas da infância brotam e permitem pormenores que aos adultos podem passar despecebidos, como as sucatas que se tornam brinquedos e brincadeiras pelos olhares e ações das crianças.

Por fim, vale ressaltar que não basta a criança estar presente na fotografia para que as culturas da infância se revelem. O artista deve buscar um equilíbrio entre sua obra, sua intencionalidade e o protagonismo infantil. Assim, possibilitando que a arte seja um espaço de encontros entre a cultura do adulto e a da criança. O olhar sensível e singular do artista, e também da equipe de arte, permite não só dar evidência aos papéis sociais das crianças, mas sobretudo que eles ultrapassem os limites familiares e escolares e ganhem evidência em outros espaços. Para isso, a arte e a mídia têm papéis fundamentais como difundidoras de imagens e informações que constituem o mosaico do imaginário contemporâneo.



### Referências bibliográficas:

Ariés, P. (1978) História social da criança e da família. Rio de Janeiro: ZAHAR.

Barthes, Roland (1984). Câmara clara. Notas sobre fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Benjamin, W. (1984). Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus.

Corsaro, W. (2011). A. Sociologia da infância. Porto Alegre: Artmed.

Doretto, J. (2014) Jornalismo para a infância: uma proposta de definição. In: Revista Ciberlegenda, Rio de Janeiro.

Moscovisci, S. (2007) Representações sociais: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes.

Sarmiento, M.J. (2002) Imaginário e culturas da Infância. Minho, publicado em:

[http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos\\_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf) , acesso 01 de março de 2018.

### Sites consultados:

<https://ojornalzinho.files.wordpress.com/2014/02/capa1.jpg>, acesso em 7 de novembro de 2019.

<https://jornaljoca.com.br/portal>, acesso em 7 de outubro 2019.

<https://www.acnur.org/portugues/>, acesso em 1 de outubro de 2019.